

# GÊNERO FANZINE E FAKE NEWS: EXPERIÊNCIA DE LEITURA E PRODUÇÃO COM ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

## FANZINE AND FAKE NEWS GENRE: READING AND PRODUCTION EXPERIENCE WITH 9TH GRADE ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS

Kayla Pacheco Nunes 1  
Andra Martins Ribeiro 2

**Resumo:** O artigo em pauta tem como objetivo analisar as contribuições do gênero fanzine para práticas de leitura de textos que veiculam fake news por estudantes do Ensino Fundamental. Os dados são provenientes de experiência de leitura e produção realizada com alunos do 9º ano de uma escola rural no norte do Tocantins. Para compor este estudo foi realizada oficina que partiu da leitura de textos multimodais com discursos mentirosos, observação de suas regularidades enunciativas, culminando na produção de um panfleto com método do gênero fanzine para prevenção às fake news. O produto foi criado a partir das atividades manuais confeccionadas pelos estudantes e das discussões em sala de aula sobre literatura e produção de texto. A pesquisa é de caráter qualitativo e tem como base teórica, principalmente, autores como Rojo (2012), Barros (2019), Silva (2019) e Araújo (2017). A relevância da pesquisa está na importância social, na riqueza da leitura e produção num viés crítico, participativo e autônomo, além da ampliação das práticas pedagógicas para um ensino colaborativo e criativo.  
**Palavras-chave:** Leitura. Fanzine. Fake News. BNCC.

**Abstract:** The article in question aims to analyze the contributions of the fanzine genre to reading practices of texts that convey fake news by elementary school students. The data come from a reading and production experience carried out with 9th grade students from a rural school in the north of Tocantins. To compose this study, a workshop was held that started with the reading of multimodal texts with lying speeches, observation of their enunciative regularities, culminating in the production of a pamphlet with a fanzine method to prevent fake news. The product was created from manual activities made by students and from classroom discussions about literature and text production. The research is qualitative in nature and is theoretically based mainly on authors such as Rojo (2012), Barros (2019), Silva (2019) and Araújo (2017). The relevance of the research lies in its social importance, in the richness of reading and production in a critical, participatory and autonomous perspective, in addition to the expansion of pedagogical practices for collaborative and creative teaching.  
**Keywords:** Reading. Fanzine. Fake News. BNCC.

---

Graduada em Pedagogia. Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2670075062259458>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8403-0586>.  
E-mail: [kayla\\_pacheco@hotmail.com](mailto:kayla_pacheco@hotmail.com) | 1

Graduada em Letras. Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3723686403806682>.  
E-mail: [andrinhamr@hotmail.com](mailto:andrinhamr@hotmail.com) | 2

## Considerações iniciais

Pelos estímulos constantes que o meio digital oferece ao seio social, interações cada vez mais virtuais e instantâneas, a escola tem de trabalhar com um novo perfil de leitor. Além de receber tais estímulos, em especial pela leitura das informações veiculadas em redes sociais, o leitor também assume papel de coautoria ao curtir, comentar e compartilhar os diversos textos com os quais tem contato.

Decorrente dessa interação constante em rede, nos últimos cinco anos o fenômeno das *fake news* tem se propagado em larga escala, interferindo diretamente nas relações sociais e nas práticas de leitura que chegam à escola. Ciente da necessidade de formar leitores críticos sobre seu papel nessa sociedade em rede, o presente trabalho traz um conjunto de experiências de leitura e produção no ensino fundamental, realizado com estudantes do 9º ano em uma escola rural, situada no norte do Tocantins.

Com o objetivo de proporcionar experiências que viabilizem práticas de leitura de diferentes tipos de texto em circulação do meio social, este trabalho parte-se da tentativa de oportunizar uma formação leitora aos alunos para que sejam capazes de interagir e de usar diferentes linguagens em contextos múltiplos. Para tanto, realizamos um percurso de leitura e produção de gêneros do campo jornalístico-midiático com foco na produção de *fanzine* sobre o fenômeno das *fake News*.

Ao analisar as contribuições do gênero *fanzine* para práticas de leitura de textos que veiculam *fake news*, num viés crítico, para compor este estudo, no segundo semestre de 2019, foi realizada oficina que partiu da leitura de textos multimodais com discursos mentirosos, observação de suas regularidades enunciativas, culminando na produção de um panfleto com método do gênero *fanzine* para prevenção às *fake news*.

A produção coletiva foi construída a partir das atividades manuais confeccionadas pelos estudantes e das discussões em sala de aula sobre literatura e produção de texto dissertativo. De natureza qualitativa, o trabalho em tela está ancorado nos estudos de Rojo (2012), Barros (2019), Silva (2019) e Araújo (2017).

## Breve discussão sobre o fenômeno *fake news*

Eleita palavra do ano em 2017 pelo dicionário britânico da editora Collins, o termo advém do empréstimo linguístico norte americano “*fake news*”, designa o que convençamos chamar notícia falsa. A rápida disseminação de *fake news* tem provocado uma verdadeira crise de confiabilidade no jornalismo em nível mundial.

O Collins definiu o termo como “informações falsas, muitas vezes sensacionalistas, disseminadas como se fossem notícias”. Segundo a equipe que produz e elege as novas palavras do dicionário, o uso do termo “*fake news*” cresceu 365% no ano passado. Para a chefe de conteúdo do Collins, Helen Newstead, o termo contribuiu para “prejudicar a confiança da sociedade nas notícias” (VEJA, 2017, s.p).

Com motivações em sua maioria de ordem política, as informações falsas são geralmente divulgadas com característica de notícia, utilizando dos mesmos recursos expressivos dos gêneros informativos, que são tradicionalmente mobilizados pelos veículos de imprensa. Entre muitas definições para o fenômeno, Silva (2019) assinala como uma enunciação falsa (com intenção de enganar) produz efeitos negativos no cosmos social.

Podemos considerar que as práticas de falsear a realidade remetem a marcos históricos da Humanidade, não podemos ignorar as particularidades que cercam sua produção e consumo, muito menos seus efeitos no cenário atual, tendo em vista sua viralidade amplificada no âmbito das redes sociais. E o que vai justificar sua presença como conteúdo disciplinar de Língua Portuguesa em documento que norteia a Educação Básica no país, a Base Nacional Comum

Curricular, doravante BNCC (BRASIL, 2017; 2018).

Complementando as considerações de Silva (2019), Barros (2019, p. 04) delimita o termo como discurso mentiroso, nos dando pistas das características mais comuns observadas em *fake news*: “os discursos mentirosos são, na maior parte das vezes, discursos de desqualificação de sujeitos e, dessa forma, contribuem para a disseminação do ódio e para a discriminação”.

Dessa forma, é missão da escola preparar o aluno para que se torne leitor crítico e consciente diante das situações comunicativas no universo digital. Nessa perspectiva, os documentos oficiais, que orientam o currículo da Educação Básica, trazem em seu bojo um rol de habilidades e objetos de conhecimento voltados para o desenvolvimento das competências necessárias ao letramento midiático dos alunos conforme veremos a seguir.

### **Leitura de gêneros multimodais nos documentos oficiais**

No mundo globalizado, com modos de produção e relações sociais permeados pelos recursos digitais, as formas de apropriação do saber são variáveis e recebem mudanças constantes. Com esse pensamento, tem sentido perceber que esse novo campo, o digital, permite a apropriação das múltiplas linguagens, graças a essa interação ao processo comunicacional, com aspectos diferenciados, que são esperados e muitas vezes, até cobradas pelos alunos.

Com a presença massiva do jovem no mundo digital e com o uso de diversas plataformas para conexões e acessos, tanto para o estudo, quanto para os relacionamentos pessoais, essas capacidades de ler, compreender e posicionar-se geram autonomia, interatividade, modos de pensar, produzir e reúnem diversos componentes para os processos comunicacionais. Em consequência, essas práticas realizadas de forma crítica fomentam a formação integral dos estudantes, que em contato com outros conhecimentos, há uma apropriação de saberes e mudanças de concepções. Fato este, esperado para o desenvolvimento da personalidade, do intelecto e do conhecimento de mundo.

De acordo com o documento Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), a mudança para os anos finais, o adolescente/jovem passa a ter contato com outros componentes curriculares, o que corrobora para o contato com o conhecimento em outras áreas e com o desafio de aproximá-las. Enquanto isso, continua o processo de autonomia, assim, o estudante internaliza com maior propriedade as práticas de linguagem conduzidas em âmbito escolar ou fora dele.

No componente de Língua Portuguesa, essa proximidade acontece principalmente a partir do trabalho com os gêneros textuais, com aprofundamento “dos gêneros que circulam na esfera pública, nos campos jornalístico-midiático e de atuação na vida pública” (BNCC, 2018, p.136). Sobre os campos, destaca-se:

No primeiro campo, os gêneros jornalísticos – informativos e opinativos – e os publicitários são privilegiados, com foco em estratégias linguístico-discursivas e semióticas voltadas para a argumentação e persuasão. Para além dos gêneros, são consideradas práticas contemporâneas de curtir, comentar, redistribuir, publicar notícias, curar etc. e tematizadas questões polêmicas envolvendo as dinâmicas das redes sociais e os interesses que movem a esfera jornalístico-midiática. A questão da confiabilidade da informação, da proliferação de *fakenews*, da manipulação de fatos e opiniões tem destaque e muitas das habilidades se relacionam com a comparação e análise de notícias em diferentes fontes e mídias, com análise de sites e serviços checadores de notícias e com o exercício da curadoria, estando previsto o uso de ferramentas digitais de curadoria (BNCC, 2018, p.136).

Além de outras habilidades especificadas no texto da BNCC, o passo a passo das práticas de linguagem e objetos de conhecimento, voltado aos estudantes de 6º a 9º ano, estabelece o campo jornalístico-midiático como uma relação para estreitar os laços com as crianças e os

jovens nas atribuições intrínsecas ao trato com a informação e opinião. No que concerne à prática de leitura de gêneros informativos na educação, a BNCC imprime que ela serve para:

[...] construir conhecimentos e desenvolver habilidades envolvidas na escuta, leitura e produção de textos que circulam no campo, o que se pretende é propiciar experiências que permitam desenvolver nos adolescentes e jovens a sensibilidade para que se interessem pelos fatos que acontecem na sua comunidade, na sua cidade e no mundo e afetam as vidas das pessoas, incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos e possam produzir textos noticiosos e opinativos e participar de discussões e debates de forma ética e respeitosa (BNCC, 2018, p.136).

Mais especificamente sobre as práticas que envolvem a leitura do fenômeno *fake news*, o documento traz habilidade de leitura num viés investigativo, por intermédio do que convenciona chamar de técnicas de checagem e curadoria da informação. Entre as habilidades estipuladas para o Ensino Fundamental, no eixo da leitura, “o tratamento das práticas leitoras compreende dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão” (BRASIL 2018, p. 72).

Sobre a reflexão crítica que se espera do aluno/leitor, segundo a BNCC, destacamos: “refletir criticamente sobre a fidedignidade das informações, as temáticas, os fatos, os acontecimentos, as questões controversas presentes nos textos lidos, posicionando-se” (BRASIL 2018, p. 72). Já no eixo da análise linguística/semiótica, privilegiam-se práticas de avaliação consciente durante o processo de leitura.

Assim, entre as dez competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, relacionadas à leitura de textos e que veiculam discursos mentirosos, selecionamos as de número 03 e 10. Tais competências podem ser melhor exemplificadas pelas habilidades listadas abaixo:

(EF09LP01) Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes, da consulta a sites de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos etc.

(EF08LP01) Identificar e comparar as várias editorias de jornais impressos e digitais e de sites noticiosos, de forma a refletir sobre os tipos de fato que são noticiados e comentados, as escolhas sobre o que noticiar e o que não noticiar e o destaque/enfoque dado e a fidedignidade da informação (BNCC, 2018, p. 177).

Levando em consideração as duas competências preconizadas pela BNCC acima, perceberemos a importância de práticas escolares voltadas para a análise do fenômeno das *fake News* em textos multimodais. O aluno, ao engendrar-se no meio digital, deve criar estratégias para identificar e analisar a diversidade de textos e informações e, a partir disso, atestar a veracidade ou falsidade do que é veiculado. Para tanto, é essencial que o professor seja mediador nesse processo, agindo com criticidade, respeito e fidedignidade aos fatos.

Seguindo essa premissa importante, desenvolvemos práticas de leitura e produção com a linguagem do universo digital, nas quais os alunos puderam observar como o fenômeno das *fake news* se manifestam no meio social. Para isso, mobilizamos a metodologia de produção do

gênero *fanzine*, contemplando o que a BNCC preconiza para o trabalho com textos multimodais, em especial os do campo jornalístico-midiático.

### Fanzine, que gênero é esse?

Inserido no rol dos gêneros do campo jornalístico-midiático, o termo *fanzine* origina-se do inglês e resulta do hibridismo entre as palavras *fanatic* e *magazine*, a saber, revista de fã, fazendo menção ao primeiro exemplar publicado nos Estados Unidos por Russ Chauvenet em 1941. Ademais, “caracteriza-se como uma minirrevista, cujos autores são fãs de uma temática específica, por isso revela a paixão de seu editor por um assunto” (ARAÚJO et. al. 2017, p. 02). No Brasil, esse gênero começou a ser utilizado no final dos anos 60.

Araújo e. al. (2017) considera o *fanzine* uma ferramenta inovadora que “favorece a aproximação do aluno com produção escrita”, além de incentivar o hábito da leitura, possibilitando melhorias na sua maneira de se expressar, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Na tentativa de uma breve definição, nos pautamos em Lacerda (2008), para delimitar como gênero resultante da expressividade de seu autor ao abordar temas variados da vida em sociedade, mediante à utilização de recursos como recortes e colagens, bem como de outros textos que já circularam no seio social, para compor sua mensagem de forma livre e criativa:

Os zines são produções marcadas pelo alto grau de inovações criativas, ora na linguagem, ora na concepção gráfica por uma grande pluralidade de discursos e que representam uma espécie de arte envolta de idealismo. Não é à toa que nos dias atuais, os fanzines mantêm sua jovialidade, apesar dos seus quase 80 anos de história (LACERDA, 2008, p. 2).

Na BNCC, fica explícita a importância do gênero *fanzine* no que concerne à formação do leitor, bem como a necessidade de práticas pedagógicas, de vivências, de experiências e aprendizagens possíveis que assegurem o desenvolvimento das habilidades leitoras dos alunos. Nessa perspectiva, o documento suscita a participação do aluno nos vários ambientes digitais a partir da escrita.

Analisar as diferentes formas de manifestação da compreensão ativa (réplica ativa) dos textos que circulam nas redes sociais, blogs/microblog, sites e afins e os gêneros que conformam essas práticas de linguagem, como: comentário, carta de leitor, post em rede social<sup>33</sup>, gif, meme, fanfic, vlogs variados, political remix, charge digital, paródias de diferentes tipos, vídeos-minuto, e-zine, *fanzine*, fanvídeo, *vidding*, *gameplay*, *walkthrough*, *detonado*, *machinima*, *trailer honesto*, *playlists* comentadas de diferentes tipos etc., de forma a ampliar a compreensão de textos que pertencem a esses gêneros e a possibilitar uma participação mais qualificada do ponto de vista ético, estético e político nas práticas de linguagem da cultura digital (BNCC, 2018, p. 73).

Rojo (2012) também defende práticas de leitura com gêneros textuais que valorizam a utilização de textos com múltiplas linguagens e, por conseguinte, auxiliam a escola e o professor na formação de leitores. Essas práticas, segundo a autora, implicam em letramentos plurais e críticos:

Parte das culturas de referência do alunato e de gêneros, mídias e linguagens por ele conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados (...) ou desvalorizados (...). Implica a imersão em letramentos críticos (ROJO 2012, p. 08).

Levando em consideração o letramento crítico, defendido por Rojo (2012), o professor não pode negligenciar o trabalho com a leitura e a produção. É sobre as possibilidades de leitura crítica e expressão na produção escrita, que trataremos a seguir. É preciso elucidar que a experiência com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental foi realizada no segundo semestre de 2019 (entre os meses de setembro e dezembro), a saber, antes do advento da pandemia da Covid-19 e, por consequência, da suspensão das aulas presenciais. Baseada na proposta de oficina de leitura com vistas à produção do gênero *fanzine*, relatamos a seguir as percepções acerca do estudo.

## **Práticas de leitura e produção em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental**

Esta seção é dedicada à reflexão sobre as práticas de leitura e produção realizadas junto a uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola da zona rural no município de Sítio Novo do Tocantins, no decorrer do segundo semestre de 2019.

Nossa intenção foi direcionar as leituras propostas aos alunos sob o viés da semiótica discursiva, articuladas nos documentos oficiais que nortearam o ensino de Língua Portuguesa no estado do Tocantins quando da realização da pesquisa, a saber, a BNCC e o *Documento Curricular do Tocantins-DCT* (TOCANTINS, 2019). As vivências foram registradas na interlocução construída durante as aulas, que identificamos como estratégias enunciativas na construção do discurso.

Em relação às práticas de leitura (baseadas na semiótica discursiva), ressaltamos que os textos, que serviram de suporte ao trabalho, integram o campo jornalístico-midiático nos gêneros notícia, artigo de opinião, fotografia e *fanzine*. Para a seleção de tais textos, além da função comunicativa, nosso objetivo foi despertar no aluno a percepção das diferentes semioses que permeiam os textos informativos a partir do plano da expressão.

Partindo do contato com o gênero notícia, empreendemos atividades com práticas de análise linguística, discussão acerca das implicações da produção e circulação das informações falsas, seus mecanismos de checagem e formas de prevenção. Também discorremos sobre o processo de produção do gênero *fanzine*, em que os alunos mobilizaram diferentes linguagens para a construção de seu discurso.

Do material que constitui o *corpus* de análise, selecionamos transcrição das falas gravadas durante oficina de checagem de imagens como fato ou *fake* e o protótipo do *fanzine* produzido coletivamente pela turma. Participaram das atividades 17 alunos com faixa etária entre 12 e 15 anos.

## **Vivência na escola: apresentação da proposta de trabalho**

Na primeira aula, após apresentação de nossa proposta para o trabalho de pesquisa e após o consentimento da turma, iniciamos nosso roteiro com o primeiro contato com o gênero notícia no suporte impresso.

A sequência foi iniciada com a apresentação de notícias em jornal impresso. Para esta primeira atividade, reunimos cerca de 20 exemplares do Jornal O progresso, veículo de imprensa com mídia em papel situado da cidade de Imperatriz -MA, que circula na região Tocantinense e é considerado uma das principais fontes formais nesse formato para o município de Sítio Novo do Tocantins. A saber, em um raio de 100 km, na região do Bico do Papagaio, não há veículos de mídia impressa com tiragem diária. Nos últimos cinco anos, surgiram alguns sites e blogs de notícias, que atuam somente no meio digital.

Após expormos os exemplares sobre a mesa do professor, deixamos que cada aluno escolhesse a edição que mais lhe atraiu a atenção. Durante uma aula de 50 minutos, os leitores folhearam uma edição de datas diferentes para conhecer a estrutura de um jornal impresso como colunas, editorial, cadernos, etc. À medida que iam passando as páginas, ouviam a nossa explicação sobre como cada caderno é organizado por temas e objetivos, ressaltando a diagramação, disposição dos elementos verbais e não-verbais na composição do enunciado, cores, formatos e tamanhos.

Ao final da aula, solicitamos aos alunos que escolhessem uma matéria que mais lhes chamasse a atenção. Cerca de 80% da turma escolheram notícias da página policial. Quando indagados pelo motivo da escolha, boa parte justificou que viu ou ouviu falar sobre o fato noticiado pela TV ou rádio, alguns pelas redes sociais. Aqui, percebemos que os interesses por escolher leituras voltadas à exploração de cenários de violência são decorrentes do repertório cultural da região, resultado da influência de programas televisivos e páginas de redes sociais que exploram esse tipo de notícia.

Outra pequena parcela escolheu temas regionais, incluindo notícias sobre ações do poder estatal aos públicos vulneráveis, como programas de apoio às gestantes de baixa renda e sobre o universo da política, como denúncias de corrupção. A justificativa foi semelhante, os alunos viram assuntos relacionados em telejornais, e no caso do auxílio às gestantes, a aluna que escolheu a notícia comentou que achou bonita a iniciativa porque muitas mulheres “passam dificuldade quando engravidam e não conseguem trabalhar quando a barriga cresce”.

Ao final da aula, cada aluno anotou seu nome no exemplar escolhido.

### **Explicação sobre as características do gênero notícia**

Na segunda aula, com duração de 50 minutos, foi feita exposição das principais características do gênero notícia, da sua função social. Além disso, analisamos a estrutura do texto informativo, enfatizando os pontos principais (o que, quando, onde, como por que), com o apoio de *slides* e projetor de multimídia. Entre os elementos elencados, destacamos que a principal função do gênero em estudo é a de informar fatos verdadeiros, com fontes confiáveis e dados comprovados, tendo compromisso com a verdade e a ética.

Após a explicação, com apoio dos mesmos jornais trabalhados na primeira aula, cada aluno pegou o exemplar de sua escolha de volta e, com nossa orientação, solicitamos que destacassem, circulando ou sublinhando, os principais elementos da notícia apresentados nos *slides*. Ao final, a turma apreciou o *site* do mesmo jornal que conheceram no formato impresso para explorar e comparar a duas versões.

Navegamos no *site* durante cerca de dez minutos e os alunos destacaram que o suporte digital é rico em cores e as imagens são mais nítidas, também porque podem ver notícias antigas e abrir várias páginas. Perceberam que os cadernos são separados por temas e números de páginas no suporte impresso, já no *site* são separados por cores. Como semelhança, pontuaram que a manchete, a principal notícia do dia, também está na capa, em lugar de destaque e centralizada.

### **Interpretação de notícia**

No terceiro encontro, também com prazo de 50 minutos, lemos coletivamente uma notícia sobre a cantora Hianna, retirada de um *site* e disponibilizada aos alunos no suporte impresso por meio de uma fotocópia (*xerox*).

Os leitores realizaram atividade de análise linguística e semiótica, na qual puderam localizar as informações principais já abordadas nas aulas anteriores, com elementos que auxiliam o texto verbal na composição do critério de confiabilidade. Além disso, indagamos a intencionalidade em reunir tais estratégias enunciativas.

Em relação aos elementos que compõem o texto, posicionados em seu entorno, ressaltamos que a verificação passa pela análise fonte da informação, autoria do texto, data, etc.

### **Introdução do tema *fake news***

Com o apoio da atividade sugerida no material do Sistema Ari de Sá, SAS, organizado em *slides*, apresentamos um texto do *site* El País sobre a origem das *fake news*. Mas antes disso, a aula, com duração de uma hora e 40 minutos, foi iniciada com a seguinte pergunta: “Você já ouviu falar em *fake news*?”

As respostas, quase idênticas e desordenadas, eram contundentes: “notícias falsas para enganar as pessoas”. Discutimos sobre o sentido do termo, o empréstimo da língua inglesa e

sobre os locais de circulação de tais notícias. Assinalamos que os alunos também deram exemplos.

A explanação sobre o fenômeno e apresentação do termo pós-verdade foram direcionadas por exemplos sugeridos na proposta do SAS. Como exemplo destacamos o texto intitulado “Nasceu o diabo em São Paulo”, com provocações sobre o critério de confiabilidade da manchete veiculada em 1975, para chamar atenção ao nascimento de um bebê com uma pequena anomalia.

Sobre o absurdo da informação veiculada como notícia, um dos alunos presentes usou o termo “sensacionalismo” para observar que a intenção da notícia em análise era chamar atenção dos leitores e, por isso, o exagero no título.

Para citar um exemplo atual, no slide seguinte, a turma observou trechos com frases veiculadas na internet sobre a possível causa da morte da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, em março de 2018. Frisamos, aqui, que o fato ganhou repercussão mundial e, infelizmente, esteve entre os mais comentados pelo volume de *fake News*, sendo propagadas sobre a índole da vereadora para justificar o atentado que culminou em seu assassinato de forma tão violenta.

**Figura 01.** Aula sobre o fenômeno *fake news*



**Fonte:** Acervo pessoal

Ressaltamos mais uma vez a relevância da multimodalidade e a leitura de textos que mobilizam diferentes linguagens. Antes mesmo de fazer a leitura das informações, os alunos se anteciparam ao assunto que seria abordado devido à imagem do rosto da vereadora. Como exemplo, recortamos a falsa informação que circulou pela rede *whatsApp* de que a vereadora teria sido casada com um traficante e sua morte seria decorrente dessa possível ligação amorosa. Durante a leitura dessa *fake*, dois alunos interromperam nossa explanação para inferir que assistiram à entrevista da companheira de Marielle que desmente o fato.

A interlocução foi encerrada com novas provocações sobre os motivos que levam à produção e à disseminação de *fake news*, bem como os prejuízos que essa prática pode provocar na vida em sociedade.

Ao final, expusemos uma lista de *sites* de agências, de institutos e de organizações criados exclusivamente para checagem de informações. Citamos as agências Lupa, Aos fatos, e Fato ou *fake*, todas mantidas por órgãos de imprensa oficiais.

### **Cuidado com a fábrica de mentiras**

No quinto encontro, por sua vez, apresentamos à turma uma aula proposta por Paula Salas, do *site* da Revista Nova Escola com o intuito de aprofundar o debate sobre o problema das *fake news* na comunidade. Na ocasião, elencamos os principais locais onde ocorrem as notícias e os principais temas motivam a prática de falsear informações, bem como o que provoca tal fenômeno.

Com o título “Cuidado com a fábrica de mentiras”, a proposta disponível no site da Nova



Escola<sup>1</sup>. A oficina parte da exposição dos tipos de *fake news*. A proposta em questão separa tal fenômeno em sete categorias de acordo com a intenção e formato/layout; com o perigo do sistema de cliques provocado por perfis falsos, robôs e com o compartilhamento em massa; finalizando com dicas de verificação por meio de seis exemplos com estratégias de checagem.

Ao final, os alunos foram sugerindo mais dicas de prevenção e combate a esse problema. Fizemos uma lista de sugestões na lousa, então, eles copiaram em seus cadernos junto às dicas da aula.

## Oficina de checagem

Para avaliar como os alunos se posicionam diante de informações que recebem no suporte digital, bem como refletir sobre as estratégias que os leitores participantes podem mobilizar durante a leitura, realizamos uma oficina de checagem com leitura do gênero imagem.

A proposta inicial era dividir a turma em trios e disponibilizar seis computadores para que navegassem nos *links* sugeridos e avaliassem a veracidade das informações ali contidas. Devido a um problema com a conexão da internet da escola, tivemos de adaptar nossa proposta e realizar a oficina com *slides* projetados na parede da sala.

Durante 50 minutos, o exercício de identificação de *fake news* teve como apoio alguns textos sincréticos, elaborados com imagens que vinham acompanhadas de pequenas mensagens. A prática de análise da imagem, contendo montagens ou não, recebeu o nome de “Fato ou *fake*?” Como se tratava de uma atividade permeada por diálogos e sem produção escrita, fizemos o registro em áudio. A seguir apresentamos a dinâmica do encontro com base nas respostas apresentadas pelos participantes, aqui também identificados pelas iniciais de seus nomes, como preferiram.

Durante a análise das três primeiras imagens, apenas três alunos participaram das discussões, os demais só se envolveram no exercício quando viram imagens de assuntos que já tinham conhecimento. Em primeiro plano, apresentamos uma imagem elaborada pelo movimento Avança Brasil, ela é composta por uma mulher com o rosto e colo pintados em forma de apelo pelos animais da Amazônia. Ao lado da mulher, há um desenho de um animal. Além disso, sobreposta ao texto imagético, há uma mensagem verbal com o enunciado “salve girafas e pandas da Amazônia”.

Todos consideraram *fake* a imagem antes de qualquer provocação de nossa parte. A reação do aluno “A” foi muito espontânea. Ao ver a imagem, ele utilizou um palavrão para demonstrar sua opinião, conforme transcrição abaixo:

Figura 02. Imagem elaborada pelo movimento Avança Brasil



**Fonte:** Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/influencer-pinta-o-corpo-em-prol-da-amazonia-e-criticada-e-rebate/>

A \_ “que porra é essa?”, falou em tom de espanto.

Professora \_ “por que vocês consideram *fake* nessa campanha pela Amazônia, não estamos sofrendo pelas queimadas?”

A \_ “na Amazônia não tem girafa nem panda!”.

Aqui o aluno recorre ao conhecimento científico, mobilizando sua vivência com as áreas das ciências biológicas e da geografia para conferir que se trata de uma informação falsa. Sua observação foi reforçada pela intervenção do aluno H:

<sup>1</sup> Proposta de atividade disponível no link: <https://novaescola.org.br/conteudo/11701/cuidado-com-a-fabrica-de-mentiras>. Acesso em 10 jun 2019.

H\_ Girafa é da África e panda do Japão. –

Demonstrando conhecimento de mundo, os alunos indicaram que foi atribuída imagem errada a um conteúdo, talvez de forma não intencional. Porém chamamos atenção da turma para o logotipo da campanha, elaborado por um movimento com fins político-partidários e de extrema direita, que tem em sua atuação recorrentes casos de disseminação de informações manipuladas.

Na Imagem 02, apresentamos fotografia de uma área de queimada em uma floresta, supostamente localizada na Amazônia. A turma ficou dividida na avaliação entre fato e *fake*.

**Figura 03.** Imagem de uma área de queimada



**Fonte:** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/08/macron-usa-foto-antiga-para-falar-de-queimadas-sob-bolsonaro.shtml>

Os alunos que já haviam tido contato com o fato que repercutiu mundialmente, conseguiram identificar como *fake*.

A – “faz muito tempo atrás, eu vi publicado no jornal que foi de agora”

R – “até me esqueci o que ia falar. Mas é fake”

Professora – por que é *fake*? Onde foi que a imagem veiculou?

A – no jornal da TV e na internet.

Professora – por que é *fake*? A imagem é verdadeira, não é montagem.

A \_ “até o presidente de um país que não lembro...”

Professora – isso Emanuel Macron, da França, está aqui é pedindo *act for the Amazon*, quer dizer, ato pela Amazônia. Por que o Emanuel Macron, presidente da França cometeu uma *fake*?

J.V. – porque recebeu a imagem, não verificou e repassou.

Professora – “porque é uma imagem antiga que foi usada por vários artistas e movimentos, ONGs para ilustrar. Quantas vezes a gente recebe uma notícia, não averigua e passa pra frente não é? Então as queimadas na Amazônia é verdadeira mas a imagem é falsa, então, lá nos tipos de *fake news*, vocês estão com a listinha, ela não é conteúdo fabricado porque o fato era verdadeiro, mas a imagem era errada, era um conteúdo?”

R – manipulado, fabricado...

Professora – ela não é fabricada...

R – é manipulada!

Analisamos junto aos alunos mais 04 imagens. Ao final, apresentamos os *sites* de onde as imagens foram tiradas, as agências de checagem e assimilamos ao quadro “Detetive virtual”, do programa Fantástico, da Rede Globo. É importante ressaltar que a cada imagem analisada e após a checagem dos alunos, citamos os *sites* de onde retiramos as informações.

Encerramos as oficinas com *banners* de prevenção às *fake news*, a exemplo do material divulgado nas redes sociais do Senado Federal. O aluno A logo sugeriu que usássemos as informações no panfleto que iríamos produzir posteriormente.

## Momento da produção

Nos três últimos encontros, sendo cada um com duração de 100 minutos, nos dedicamos à construção do *fanzine* em formato de panfleto informativo sobre as *fake news*.

Dividimos a turma em quatro grupos, sendo um composto por cinco alunos e os demais com quatro participantes. O primeiro passo foi sugerir que cada grupo elaborasse o título do seu panfleto.

Figura 04. Formação de grupos para produção do panfleto



Fonte: Acervo pessoal

Com os nomes escolhidos, fizemos a lista na lousa para votação da turma. Seguem algumas opções dadas pelos alunos: “Além da sua tela” (Grupo 01); “Não se engane com a internet” (Grupo 02); “Fique atento antes de olhar notícias” (Grupo 03) e “C.F.N. – Cuidado com Fake News” (Grupo 04). O último foi o escolhido com 10 votos. Acreditamos que a preferência por um título composto por sigla é decorrente da influência dos clubes de futebol pela semelhança no formato.

Para compor as três seções do panfleto (com conceito, tipos e formas de prevenção à disseminação de informações falsas), o grupo 04 sugeriu que os títulos dos colegas fossem aproveitados para identificar cada item no interior do produto em construção.

O próximo passo foi a elaboração do conteúdo. Fizemos na lousa o esboço de cada página para direcionar a produção dos grupos. Com folhas de papel A4 dobradas ao meio, cada equipe preencheu os itens de acordo com as informações reunidas nas aulas anteriores e anotadas nos cadernos.

Com os quatro esboços dos panfletos prontos, socializamos o material para confeccionar o produto final. Para a capa, a sugestão inicial seria o desenho. Como elementos visuais, os alunos escolheram a imagem de um aparelho *smartphone* com uma lupa sobreposta à tela, simbolizando a investigação minuciosa de informações.

A estética do panfleto seria inicialmente toda desenhada à mão pelos próprios alunos, no entanto eles não gostaram do material que produziram, então, surgiu a proposta de utilizarmos a técnica da colagem à semelhança do *fanzine*. A escolha do gênero também se deve ao fato de os nossos alunos não dominarem as técnicas de editoração gráfica em mídia digital.

Acrescenta-se a isso o fato de a escola não dispor de ferramentas tecnológicas capazes de subsidiar o processo gráfico. Nesse momento, achamos pertinente, assim, explicar também aos alunos sobre as características do gênero em questão, bem como sua função social.

## O *fanzine* como produto da liberdade de expressão

No penúltimo encontro, com 14 alunos presentes, levamos a turma à biblioteca improvisada na escola. O espaço é amplo, recém-reformado, porém insalubre porque não há ventilação pelas janelas, nem ventiladores. Ademais, há poucas cadeiras e o acervo é pequeno. Já no espaço, os alunos sugeriram que montássemos o panfleto com recorte de livros e revistas em desuso, disponíveis nesse espaço e que serviam para atividades de recorte.

Deixamos os alunos livres por 30 minutos para que pesquisassem as imagens. Apenas dois alunos ficaram dispersos e não se dedicaram à tarefa do dia. E o resultado foi um envelope cheio de figuras com fotografias, sinais de pontuação e de trânsito, palavras em diversos formatos e tamanhos, todos relacionados ao conteúdo. O interessante nessa atividade foi a atitude de cada aluno que, ao encontrarem uma imagem, sempre recorriam a nós para confirmar a validade do material para o contexto.

**Figura 05.** Pesquisa na biblioteca



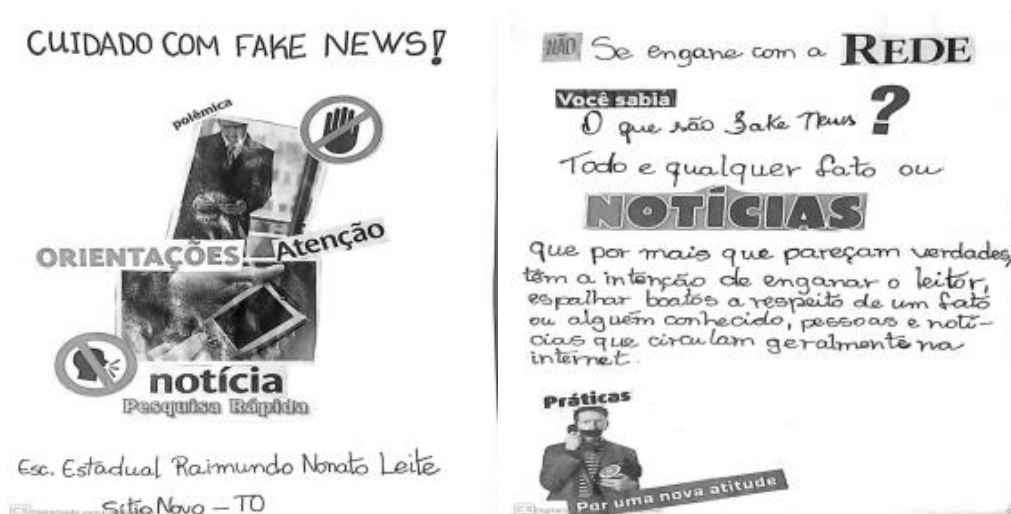
**Fonte:** Acervo pessoal

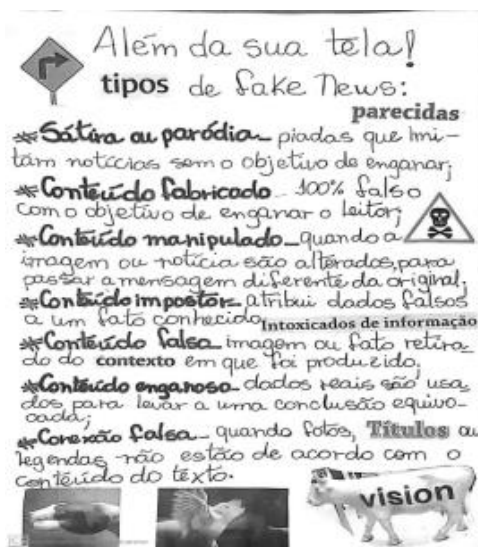
Ao término da visita à biblioteca, percebemos que a pesquisa das imagens foi a etapa realizada com maior entusiasmo pelos alunos e por nós. Mesmo em pé ou sentados no chão, dividindo apenas quatro tesouras, conseguimos reunir material suficiente para nosso panfleto.

De volta à sala de aula, consideramos que nosso último encontro foi uma bagunça produtiva. Com o apoio de duas mesas de professor, espalhamos os recortes para melhor visualização. A aluna “M” foi escolhida para escrever as informações com letra de máquina, enquanto os alunos A, H e R selecionaram quais imagens poderiam auxiliar o texto verbal na composição do discurso.

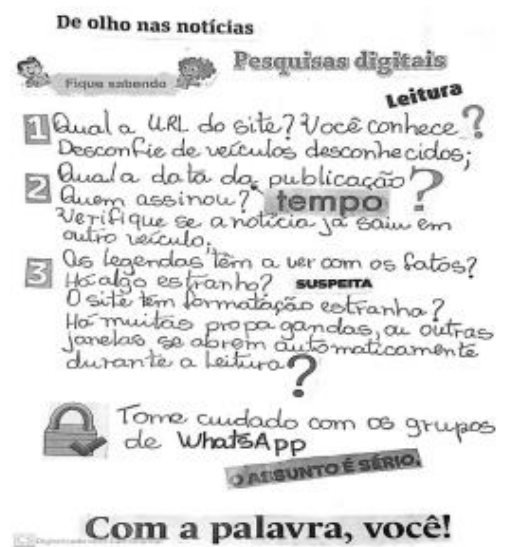
Os alunos A.C., L, e C.H faziam o arremate no recorte, já F, A.N, Y e E ficaram encarregados da colagem. Outros três alunos cobriam de pincel o texto de cada página. Tudo sob supervisão das professoras.

**Figura 06:** Panfleto produzido pela turma





Fonte: Acervo pessoal



Ressaltamos que a versão final do panfleto só foi possível na terceira tentativa, uma vez que algumas páginas mancharam por conta da cola e tivemos de refazê-las.

### Considerações Finais

Pela dinâmica social no contexto da Era digital, a missão da escola de formar cidadãos críticos e éticos ganha uma dimensão mais ampla. Nesse contexto, para além das habilidades de leitura e de produção já trabalhadas no cotidiano escolar, a Base Nacional Comum Curricular amplia a noção de multiletramentos, reconhecendo a relevância da multimodalidade para conviver na sociedade em rede.

Dessa forma, nosso objetivo foi o de oportunizar práticas de leitura e produção com vistas ao letramento digital, mediante à reflexão sobre as consequências da prática de *fake News*, bem como mecanismos acessíveis para a prevenção de forma crítica e ética.

Partindo do contato com o gênero notícia, empreendemos atividades com práticas de análise linguística, discussão acerca das implicações da produção e circulação das informações falsas, seus mecanismos de checagem e formas de prevenção. Também discorreremos sobre o processo de produção do gênero *fanzine*, em que os alunos mobilizaram diferentes linguagens para a construção de seu discurso.

Durante a realização das atividades, à medida que nosso percurso de leitura oportunizava a reflexão sobre o fenômeno em estudo, os alunos permitiram-se participar de forma mais ativa e confiante quando os textos e temas estudados já faziam parte de seu repertório. Assim percebe-se que, a partir das leituras trazidas das interações fora da escola, se orientadas e utilizadas em sala de aula como recurso didático para os letramentos, o conhecimento de mundo pode tornar-se habilidade de leitura, uso e reflexão.

A relevância deste trabalho está na importância social, na riqueza da leitura e produção num viés crítico, participativo e autônomo, além da ampliação das práticas pedagógicas para um ensino colaborativo e criativo.

Acrescenta-se a isso que, embora a escola *locus* de nosso trabalho ainda não dispunha de ferramentas tecnológicas capazes de subsidiar o processo gráfico inicialmente planejado, outros recursos foram valiosos e, nesse sentido, oportunizaram aos alunos o letramento sobre *fake news*.

Asseguramos, nesse sentido, que os gêneros do campo jornalístico-midiático colaboram para o desenvolvimento de competências leitoras dos alunos. No tratamento do fenômeno *fake news*, devemos destacar que entre muitos gêneros utilizados para expressar opinião, o *fanzine* tem grande colaboração no que se refere à pesquisa de informações, ora verbais, ora não verbais, bem como pelo potencial de expressar opinião com liberdade criativa.

## Referências

ARAÚJO, Raqueline Chaves; SILVA, Jackeline Sousa; Gonçalves, Maria das Neves. CASTRO, One-rives Monteiro. **Práticas significativas através dos gêneros textuais: o Fanzine como recurso pedagógico na formação do sujeito leitor-escriptor.** Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2017/TRABALHO\\_EV073\\_MD1\\_SA15\\_ID4709\\_10092017194747.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2017/TRABALHO_EV073_MD1_SA15_ID4709_10092017194747.pdf) Acesso em 21 abr 2021.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola.** Disponível em: [www.revistas.usp.br/esse/article/download/165195](http://www.revistas.usp.br/esse/article/download/165195) Acesso em 10 abr 2021.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular.** Ministério da Educação. Brasília, 2018.

LACERDA, Tiago de Oliveira. **Fanzines: uma faceta da comunicação alternativa na cidade de Campina Grande. Revista eletrônica temática.** João Pessoa: n.09, 2008. Disponível em: <https://repositorio.pgskroton.com/bitstream/123456789/1208/1/artigo%208.pdf> . Acesso em: 20 set 2019

O que move as fake News?. **Revista Nova Escola.** S.D Disponível em [https://novaescola.org.br/conteudo/11824/o-que-move-as-fake-news#\\_=\\_](https://novaescola.org.br/conteudo/11824/o-que-move-as-fake-news#_=_). Acesso em: 18 set 2019.

Fake news é eleita palavra do ano por dicionário Collins. **Revista Veja.** 2 nov 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/fake-news-e-eleita-palavra-do-ano-por-dicionario-collins/>. Acesso em: 20 abr 2021.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues (org.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola, 2012.

SILVA, Luíza Helena Oliveira. **Interações, leituras e sentidos em tempos de fake news: desafios para a formação de leitores no contexto escolar.** Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/161838> Acesso em: 13 jan 2020.

Recebido em 11 de junho de 2021.

Aceito em: 27 de outubro de 2021.